

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM LETRAS- PORTUGUÊS E ESPANHOL

MARCÍLIO PEREIRA DA SILVA JÚNIOR

**MEMORIAL DESCRITIVO: O PERCURSO DE FORMAÇÃO DE
MARCÍLIO JÚNIOR NA LICENCIATURA EM LETRAS: ESSA PRAGA
PEGA!**

Recife

2025

MARCÍLIO PEREIRA DA SILVA JÚNIOR

**MEMORIAL DESCRITIVO: O PERCURSO DE FORMAÇÃO DE
MARCÍLIO JÚNIOR NA LICENCIATURA EM LETRAS: ESSA PRAGA
PEGA!**

Memorial produzido para composição da nota do Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol, orientado pela Professora Doutora Thais Ludmila da Silva Ranieri.

Recife

2025

“E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

(Romanos 12:2)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela força e orientação em todos os momentos da minha trajetória. À minha esposa, Kelly Kaity, pela paciência, apoio e compreensão ao longo deste percurso. Sou profundamente grato à minha orientadora, Professora Doutora Thais Ludmila, por aceitar meu trabalho e demonstrar grande paciência durante todo o processo. Agradeço também ao meu amigo de classe, Diego Nelson, por ter segurado minha mão e me impedido, em diversas ocasiões, de desistir do curso. Por fim, agradeço aos colegas de turma, amigos, família e à igreja, que compreenderam meus momentos de dedicação exclusiva aos estudos, mesmo quando isso significou pouco tempo para a vida social.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	06
2.	ONDE TUDO COMEÇOU: ESCOLA.....	09
2.1	Escola Coração de Jesus: Desperta o comunicador e educador.....	09
2.2	Escola Estadual de Paulista: A paixão pelo ambiente escolar.....	11
3.	O INÍCIO DA VIDA PROFISSIONAL.....	18
4.	REENCONTRO COM A EDUCAÇÃO.....	22
5.	LAMENTO, FUI APENAS UM ALUNO REGULAR.....	23
6.	VIDA REAL: ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO.....	28
6.1	ESO 1: Ecologia escolar.....	28
6.2	ESO 2: Regência ensino Fundamental.....	30
6.3	ESO 3: Regência em Espanhol.....	32
6.4	ESO 4: Regência ensino médio.....	33
7.	CONCLUSÃO.....	36
	REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

Essa praga pega, e me pegou. Essa era a frase usada por minha professora de Português no ensino médio para alguns alunos que, ela acreditava, continuariam no mundo da educação. Por um tempo, até me distanciei, mas voltei e a encontrei novamente, ouvindo-a afirmar, olhando nos meus olhos, que estava certa e repetir seu jargão: ‘Essa praga pega’. Através deste memorial, compartilho minha trajetória de vida e minhas formações, refletindo sobre os momentos que marcaram meu desenvolvimento pessoal e profissional. Esta narrativa também revela a dualidade que permeia minha trajetória: a comunicação e a educação, áreas que sempre dialogaram e moldaram minhas escolhas e experiências. Como é característica de um texto memorial acadêmico, nele sou o escritor, o personagem e o protagonista da história, utilizando a primeira pessoa para registrar experiências, reflexões e aprendizados.

O memorial constitui, pois, uma autobiografia configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmica profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido. (SEVERINO, 2001, p.175)

O objetivo deste memorial é refletir sobre meu desenvolvimento como educador, desde o início da minha trajetória escolar, lá na segunda série do ensino fundamental; as formações em comunicação; os desafios na pandemia; passando pelas dificuldades do curso de Letras até as descobertas vivenciadas durante os estágios nas escolas; de modo a compreender a pluralidade que envolve a formação docente e a importância dos educadores e do ambiente escolar nesse processo. Ao revisitar minhas experiências no ambiente escolar, percebo que minha formação como professor começou muito antes do ingresso na universidade. Esse entendimento converge com Tardif (2002), que indica que a história de vida escolar de grande parte dos professores orienta seu saber sobre o ensino, sobre como ensinar e sobre os papéis do docente:

“Os professores são trabalhadores mergulhados em seu espaço de trabalho durante aproximadamente 16 anos (em torno de 15 mil horas), antes mesmo de começarem a trabalhar (Lortie, 1975). Essa imersão se manifesta através de toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de

representações e de certezas sobre a prática docente. Esses fenômenos permanecem fortes e estáveis ao longo do tempo.” (TARDIF, 2002, p. 13)

Tive a sorte de encontrar professores que seguiam aquilo que Paulo Freire (1996) chama de “bom senso” na educação. Ao longo da minha trajetória, desenvolvi algumas iniciativas que, em vez de serem reprimidas, foram acolhidas e incentivadas pelos docentes, os quais colocavam em prática princípios essenciais, como o respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando.

Este memorial está organizado em seções que refletem diferentes momentos da minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal. No primeiro capítulo, relato minhas vivências no ensino fundamental e médio, destacando experiências marcantes daquele período até a aprovação no vestibular. O segundo capítulo trata do início da minha vida acadêmica no curso de Rádio, TV e Internet, da UFPE, bem como da entrada no mercado de trabalho e da formação em Jornalismo. No terceiro capítulo, compartilho uma crise existencial causada pela pandemia de 2020, que me levou a repensar a vida, a realizar o ENEM e ingressar novamente no universo da educação, sendo aprovado na Licenciatura em Letras- Português e Espanhol, na UFRPE. O quarto capítulo aborda minha trajetória no curso, destacando os desafios enfrentados e os aprendizados adquiridos. No quinto capítulo, relato as experiências nos estágios supervisionados obrigatórios, que proporcionaram contato direto com a realidade da sala de aula. Por fim, na conclusão, reflito sobre os aprendizados ao longo da minha vida e apresento minhas perspectivas e expectativas para o futuro.

Para a elaboração deste memorial, utilizei uma metodologia de caráter qualitativo e reflexivo, baseada na análise da minha trajetória pessoal e profissional. Revi minhas experiências, desde o ensino fundamental e médio, passando pelas duas formações anteriores em Comunicação e pelo início do curso de Letras, até os estágios realizados, trazendo práticas, iniciativas e vivências que marcaram meu desenvolvimento. Sempre mantive uma dualidade entre comunicação e educação, que permeia minhas experiências e escolhas profissionais. Essa abordagem permite interpretar minhas experiências à luz da teoria educacional, compreendendo a pluralidade e a complexidade envolvidas na formação docente e na construção da minha identidade profissional.

Este trabalho busca não apenas registrar minha trajetória, mas também refletir sobre os desafios, aprendizados e descobertas que moldaram minha prática docente, oferecendo ao leitor uma compreensão aprofundada da formação de um educador em um diálogo constante entre teoria, prática e experiências vividas.

2. ONDE TUDO COMEÇOU: ESCOLA

Este capítulo apresenta as primeiras experiências que marcaram minha trajetória educacional e comunicativa, revisitando o período escolar em que meu interesse pela educação e pela comunicação começou a se desenvolver. As vivências na Escola Coração de Jesus e na Escola Estadual de Paulista foram fundamentais para o fortalecimento da minha autonomia, criatividade e vocação profissional, construídas nas interações com professores e colegas.

2.1 Escola Coração de Jesus: desperta o comunicador e educador

A escola sempre foi um lugar especial para mim — não apenas pelo reencontro com os colegas ou pelo aprendizado em si, mas pelo prazer de estar naquele ambiente, de promover ações e de ensinar. Meus passos na escola sempre caminharam lado a lado com iniciativas ligadas à educação e à comunicação.

Essa trajetória começou durante minha passagem pela Escola Coração de Jesus, uma pequena instituição particular localizada no bairro de Sítio Fragoso, em Paulista (PE). A unidade possuía apenas quatro salas de aula, atendendo do maternal à quarta série, em turmas distribuídas entre os turnos da manhã e da tarde. Foi nessa escola que cursei da segunda à quarta série do ensino fundamental, entre meus 8 e 10 anos.

Desde então, o meu prazer nunca esteve apenas em estudar, mas também em participar ativamente da vida escolar. Era uma criança bastante comunicativa: gostava de dar avisos nas classes, organizava brincadeiras, fingia apresentar programas de TV e, junto aos colegas, criei uma pequena “empresa” artesanal de venda de anéis e colares feitos com fios telefônicos. Ainda que simples, essa iniciativa despertou em mim o gosto pela criação, pelo empreendedorismo e pela comunicação.

Com apenas dez anos, realizei minha primeira experiência editorial: editei um jornal escolar manuscrito, exposto no pátio da escola para leitura dos colegas. Embora não me lembre do nome que dei ao jornal, lembro-me de ter utilizado recursos visuais para atrair a atenção dos leitores, como tirinhas da Turma da Mônica. Essa foi uma iniciativa totalmente espontânea, movida pelo prazer de comunicar, e não pelo objetivo de obter nota.

Nesse mesmo período, quando estudava à tarde, costumava frequentar a escola também no horário da manhã, para ajudar as “tias” com as turmas menores. Lembro-me de contar historinhas para as crianças e de fazer fantoches. Eu mesmo me autodenominava “amiguinho”, e assim era chamado por elas. De manhã, eu era o auxiliar pedagógico mirim; à tarde, a versão mirim de um comunicador.

Aos 11 anos, iniciei a 5ª série do ensino fundamental e precisei mudar para outra escola — sobre a qual falarei mais adiante. Mas minha separação da Coração de Jesus não aconteceu de forma automática: continuei frequentando o local por dois ou três anos após concluir a 4ª série. Religiosamente, tornei-me uma espécie de monitor voluntário. Lembro que não gostava que soubessem que eu não recebia nada por isso, especialmente os alunos, pois queria que me vissem como parte do quadro da escola.

Minha afetividade pela Escola Coração de Jesus era enorme. Sentia-me parte dela e tinha uma afinidade muito grande com a Tia Luiza, a proprietária, e com as demais tias: Rosa, Inha, Dalva e Delma, que foram fundamentais no meu processo de formação. Essa relação próxima com os professores não apenas tornou minha experiência escolar mais significativa, como também reforçou meu aprendizado e meu engajamento nas atividades. De fato, a relação aluno-professor influencia diretamente a adaptabilidade e o rendimento escolar, tanto de professores quanto dos alunos (Miranda, Pereira & Rissetti, 2021, p. 12).

No auge dos meus 11 e 12 anos, tomava conta de classes com crianças apenas um ou dois anos mais novas do que eu — e, impressionantemente, era respeitado por elas. Nas minhas mãos, carregava os horários das aulas de todas as turmas e tinha cadernetas improvisadas, onde registrava a frequência dos alunos e fazia a chamada.

Toda essa paixão por sala de aula foi notada pela Tia Inha, que oferecia aulas de reforço para os alunos da escola, cobrando um valor extra. Vendo minha dedicação, ela me convidou para ajudá-la e, dessa vez, para ser remunerado. Acredito que ganhava algo em torno de dez ou quinze reais por mês. Aquilo foi um novo estímulo e me deu um ânimo ainda maior. Lembro-me perfeitamente do primeiro

pagamento que recebi das mãos de Tia Inha — uma nota plástica de dez reais lançada na época pelo governo federal¹. Foi uma espécie de primeiro salário.

2.2 Escola Estadual de Paulista: a paixão pelo ambiente escolar

Por volta de 2004 ou 2005, meu vínculo com a Escola Coração de Jesus foi enfraquecendo. Nessa época, ingressei na Escola Estadual de Paulista, o antigo Centro de Demonstração, localizada no bairro de Vila Torres Galvão, em Paulista. A mudança foi significativa: saí de uma escola de bairro, pequena e acolhedora, para uma instituição com estrutura muito maior, dezenas de funcionários e ambientes como biblioteca e laboratório de informática. Num primeiro momento, a mudança foi assustadora para aquele menino que era o aluno destaque da antiga escola.

Figura 1: Na entrada da Erem de Paulista, antes, Escola Estadual de Paulista



Fonte: Acervo pessoal

Caminhava cerca de cinco quilômetros por dia para chegar à escola e, mais tarde, quando passei a frequentar também o turno da manhã, essa distância se duplicou. Apesar das dificuldades, mantive o entusiasmo. Logo comecei a ser reconhecido pelos professores pela minha comunicação, iniciativa e bom desempenho escolar.

A primeira grande oportunidade surgiu quando, inspirado pelos debates políticos de 2002, na sétima série do ensino fundamental, organizei um debate escolar

¹ A "nota plástica" lançada pelo governo foi uma cédula de R\$ 10 de polímero, lançada em 2000 para comemorar os 500 anos do Descobrimento do Brasil. Foi a única cédula de polímero lançada pelo Banco Central do Brasil.

durante a aula de Ciências, sobre o tema da inclusão de alunos com deficiência. A atividade foi estruturada com réplicas, tréplicas, cartazes e logomarca — tudo organizado por mim. O professor Amaury Soares, impressionado com o resultado, convidou outras turmas para assistir, e o evento transformou-se em um grande momento de participação estudantil.

No ano seguinte, passei para o turno da tarde, mas o professor Amaury me convidou a retornar nas manhãs para realizar novos debates com suas outras turmas. A partir daí, passei a atuar como uma espécie de monitor escolar, substituindo professores em algumas ocasiões e auxiliando na condução das turmas. Essa experiência foi essencial para consolidar meu gosto pelo ambiente educacional e pela comunicação como instrumento de interação e protagonismo juvenil.

Além da minha paixão pelo envolvimento na escola, a televisão e o rádio estavam no pódio de minha atenção. Na oitava série, resolvi levar essa paixão para o ambiente escolar. Pela manhã, quando não estava como monitor, ouvia o radialista Geraldo Freire², na Rádio Jornal, que dava as notícias de forma topificada. Naquela época (2006), a internet ainda não era popular, e os celulares não tinham acesso a ela.

Em casa, anotava os tópicos mais interessantes do noticiário. À tarde, chegava mais cedo e, com giz de cera branco, escrevia meu jornalzinho no quadro-negro da sala. Quando a turma entrava, o quadro já estava repleto de notícias, e minhas mãos, descascando por reação a minha alergia ao gesso. Alguns colegas apagavam partes para prejudicar a leitura dos demais, outros liam, e alguns zombavam. Alguns professores deixavam o conteúdo lá por um tempo; outros, assim que entravam, apagavam tudo.

Com o tempo, consegui o “patrocínio” de um colega, que me ajudou a comprar pilotos para quadro branco. Passei, então, a usar o quadro branco do fundo da sala, pouco utilizado pelos professores na época³. Assim, o jornalzinho ficava exposto até

² Geraldo Freire é um radialista pernambucano, conhecido como "O Comunicador da Maioria", que marcou gerações com sua atuação na Rádio Jornal do Comercio de Recife, onde comandou programas de grande audiência por mais de 40 anos. Atualmente, integra o time de apresentadores da Rádio CBN Recife.

³ O uso do quadro branco e pilotos de tintas ainda estava sendo implementado nas escolas. O giz de cera e quadro negro ainda era a opção mais utilizada pelos professores.

o dia seguinte, permitindo que alunos de outras turmas também o lessem. Criei até uma propaganda para meu patrocinador: “Simpático e legal, conheça Bruno Amaral!”.

Com o passar dos dias, recrutei alguns colegas para colaborar: um trazia notícias de tecnologia, outro escrevia sobre cinema, e havia até uma coluna chamada “Toque de Amor”, de Tiago Borges, com poesias do próprio aluno.

No ano seguinte, já no 1º ano do ensino médio, voltei com o jornal, agora chamado 1º B News. Desta vez, fiz em uma cartolina grande, escrita à mão, e coleí na parede da sala.

Nesse dia, o mesmo professor que antes apagava meu quadro parou, leu tudo e foi chamar a professora de português, que, impressionada, trouxe a diretora. Os três decidiram que aquele trabalho deveria se tornar um projeto oficial da escola. Com o apoio da gestora Maria das Neves Raia de Oliveira, carinhosamente chamada de Dona Nevinha, o jornal passou a ser digitado, impresso e distribuído para os alunos.

Figura 2: Dona Nevinha, uma das minhas grandes inspirações na educação



Fonte: Acervo pessoal (2012)

Com a mudança, muitos colegas que antes zombavam agora queriam participar do projeto, mas procurei valorizar os que estavam desde o início. O jornal cresceu, ganhou seções com notícias nacionais, internacionais e escolares, além das partes mais “populares”: cinema, piadas, poesias, novelas, traduções de músicas e

curiosidades. O informativo começou com uma página frente e verso e logo passou a ter duas; as versões distribuídas também ficavam expostas nos murais da escola.

A evolução desse jornalzinho, que foi do giz de cera ao papel impresso, conversa com a reflexão de Soares (2000) sobre as áreas de intervenção social no ambiente escolar. Minha busca se enquadra naquilo que ele define como a área da gestão da comunicação voltada para o desenvolvimento de um ecossistema comunicacional dentro do espaço escolar, algo que sempre procurei promover na realização de meus projetos.

A área da gestão da comunicação no espaço educativo é voltada para o planejamento, execução e realização dos processos e procedimentos que se articulam no âmbito da comunicação, cultura e educação, criando ecossistemas educativos. O conceito de ecossistema comunicacional designa a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. (SOARES, 2000, p. 22)

O 1º B News foi o ponto de partida para que, com a equipe, promovêssemos eventos inéditos na escola, como a “Tarde do Amor”, “Festa do Estudante”, “Show de Talentos”, “Especial Dia das Mães”, protótipos de programas de TV e até game shows. Nos primórdios da internet, criamos também o Portal EEP, um site de notícias da escola, cujo domínio está ativo até hoje⁴. No ano seguinte, mesmo já no 2º ano, mantivemos o nome do jornal.

Figura 3: Equipe do Jornal 1ºB News liderada por mim



⁴ Mesmo sem ser atualizado, o blog ainda está ativo na internet. Muitas postagens feitas na época registrada no relatório ainda estão lá: <https://portaleep.blogspot.com/>

Fonte: Acervo pessoal (2008)

Em paralelo a tudo isso, continuei atuando como monitor no turno da manhã e me envolvi em uma chapa do grêmio estudantil. Nosso grupo, diferente dos tradicionais, tinha forte parceria com os professores e a direção. Em sala de aula, minhas apresentações de seminário eram sempre inovadoras — transformavam-se em peças teatrais, júris simulados, programas de TV e comédias, sempre com o conteúdo curricular inserido. Quem queria fazer trabalho comigo sabia o lema: “Topa Tudo pela Nota!”

A autonomia que recebi dos meus professores foi fundamental para o desenvolvimento da minha capacidade crítica enquanto aluno. A escola mostrou, na prática, a importância dessa autonomia na construção de uma educação crítica e reflexiva. Identifico-me com essa perspectiva porque, como afirma Freire (1996, p.14), isso só é possível quando existem, além dos professores, educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Foi cultivando essas características que consegui me desenvolver e superar os limites de uma educação meramente bancária, avançando para um aprendizado mais consciente e transformador.

Além disso, essas experiências ampliaram minhas habilidades de comunicação e organização, bem como me permitiram assumir responsabilidades, trabalhar em equipe e explorar minha vocação profissional. Conforme destacam Almeida, Rizzini e Menegon (2023, p. 11), “impactar nessa etapa de formação, através de projetos, significa investir no crescimento pessoal e social desses jovens”, reforçando que iniciativas desse tipo promovem não apenas o aprendizado, mas também o amadurecimento pessoal e o engajamento social.

Figura 4: Apresentando evento do dia do estudante na Escola Estadual de Paulista



Fonte: Acervo pessoal (2009)

No 3º ano do ensino médio, em 2010, ouvi um conselho que marcou aquele período. Minha professora de Português, Alcione Rodrigues, dizia sempre: “Para passar no vestibular, é preciso estudar oito horas por dia”. Dona Nevinha também me orientou a reduzir o ritmo dos projetos para que eu pudesse focar nos estudos.

Minha mãe, com sua sabedoria peculiar, afirmou que pagaria apenas a primeira taxa de inscrição no vestibular, e que, a partir da segunda, a responsabilidade seria minha. Esse gesto, simples, mas cheio de significado, despertou em mim um senso de compromisso. Naquele ano, produzi apenas duas edições do jornal escolar e passei a coordenação para a nova equipe.

Uma mãe de amigos chegou a se oferecer para pagar meu cursinho pré-vestibular, mas minha mãe recusou, dizendo que eu tinha capacidade de estudar sozinho.

Nesse mesmo período, vivi uma experiência decisiva: a TV Globo Nordeste esteve na escola para transmitir de lá uma edição do NETV 1ª Edição⁵, e a TV Escola⁶ produziu um documentário sobre nós. Ver de perto aquela estrutura e o processo de produção de uma equipe de televisão despertou um encantamento. Se ainda restava alguma dúvida sobre o caminho que eu gostaria de seguir, ela se desfez ali. Foi nesse momento que decidi cursar Comunicação Social – Radialismo (Rádio, TV e Internet) na Universidade Federal de Pernambuco.

O resultado veio com uma alegria indescritível: fui aprovado e me tornei o primeiro da minha família a ingressar em uma universidade federal. Depois de um processo de seleção exaustivo, prometi a mim mesmo que nunca mais faria outro vestibular. Curiosamente, os filhos da senhora que havia se oferecido para pagar meu cursinho não conseguiram aprovação — e eu, mesmo estudando sozinho, conquistei minha vaga.

Uma emocionante aula da saudade, marcada por lágrimas e abraços, encerrou minha jornada no ensino médio. Saí dali com o coração cheio de gratidão e a

⁵ Nesse projeto da Globo Nordeste, todo o cenário do jornal da hora do almoço NETV era montado em escolas públicas e apresentado direto da unidade de ensino, intercalando as notícias factuais e matérias gravadas na escola.

⁶ A TV Escola foi um canal público criado pelo Ministério da Educação em 1996, com foco em conteúdos educativos e de formação de professores. Em 2022, foi substituída pelo Canal Educação, mantendo o propósito de difundir ensino e cultura.

convicção de que a educação, quando aliada à autonomia e à persistência, é capaz de transformar realidades.

Assim, posso afirmar que a participação ativa nesses projetos e minha trajetória contribuíram significativamente para a construção do meu repertório de experiências. Nóvoa (2024, p. 8) vai dizer que o conhecimento profissional docente é difícil de codificar e impossível de generalizar. Ele ganha sentido enquanto inventário ou repertório de acontecimentos e situações vividas, experienciadas, analisadas e compartilhadas.

Todas essas experiências no ambiente escolar foram fundamentais para a construção da minha identidade pessoal e profissional. Foi na escola que descobri o prazer de ensinar, comunicar e desenvolver projetos que envolvessem educação e comunicação. Essa etapa da minha vida foi marcada por descobertas, desafios e aprendizados, fortalecendo minha vocação para a comunicação e o desejo de seguir esse caminho no ensino superior. Dessa forma, a conclusão do ensino médio representou o ponto de partida da minha trajetória acadêmica, iniciada com a entrada na Universidade Federal de Pernambuco.

No próximo capítulo, apresento reflexões sobre essa nova fase da minha trajetória, iniciada com o ingresso no curso de Comunicação Social – Radialismo (Rádio, TV e Internet), etapa que exerceu grande influência pessoal, acadêmica e profissional, e que proporcionou minha entrada no mercado de trabalho.

3. O INÍCIO DA VIDA PROFISSIONAL

Este capítulo trata do início da minha trajetória acadêmica e profissional. Revivo lembranças da continuidade que mantive profissionalmente com o universo da educação até a transição completa para o campo da comunicação, período em que me formei em Rádio e TV e iniciei uma segunda graduação na área de Comunicação: jornalismo.

Em 2011, iniciei minha trajetória acadêmica no curso de Comunicação Social – Rádio, TV e Internet da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), após ser aprovado pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e pela segunda fase da Covest⁷.

Figura 5: 1º semestre no curso de Rádio, TV e Internet no Centro de Artes e Comunicação da UFPE.



Fonte: Acervo Pessoal (2011)

Nesse primeiro ano de graduação, ainda fortemente ligado ao universo da educação, continuei frequentando a Escola Estadual de Paulista nos finais de semana, onde ministrei aulas de Língua Portuguesa para alunos que se preparavam para o vestibular. Pouco tempo depois, tive minha primeira experiência profissional formal, ao ser contratado como professor em uma pequena instituição de ensino do meu bairro: a Escola Sagrada Família.

⁷ A Covest (Comissão de Processos Seletivos e Treinamentos) é vinculada à Universidade Federal de Pernambuco e ficou conhecida pela organização dos vestibulares da UFPE. Atualmente, atua na realização de concursos e seleções públicas em diversas instituições.

A escola possuía estrutura precária e poucos recursos, e o desafio era grande: eu seria responsável por dez alunos de séries diferentes — alguns de 2ª, outros da 3ª e da 4ª série do ensino fundamental —, todos reunidos em uma mesma sala, sob minha orientação. Foi um desafio assustador, mas que aceitei com entusiasmo. Com o passar dos meses, acabei me apegando profundamente aos alunos. No entanto, diante da falta de pagamento por parte da instituição, precisei encerrar o vínculo antes do término do ano letivo.

Tempos depois, consegui meu primeiro estágio na Pró-Reitoria de Extensão da UFPE (Proext), o que representou uma continuidade do meu envolvimento com a educação. Meu trabalho era difundir, por meio da comunicação institucional, as ações educativas e sociais desenvolvidas pela universidade, fortalecendo o papel da extensão universitária como elo entre o saber acadêmico e a comunidade.

Em seguida, no meu segundo estágio, integrei a equipe do programa “Cabeça de Área”, da TV Universitária, onde atuei como produtor e repórter. O programa tinha como proposta valorizar o esporte e suas dimensões educativas, destacando projetos e práticas de educação esportiva.

Figura 6: Estágio no programa Cabeça de Área, da TV Universitária



Fonte: Acervo pessoal (2013)

Em 2015, deixei os espaços exclusivamente voltados à educação, ingressando na TV Nova Nordeste, onde iniciei uma nova fase profissional. Anos depois, estagiei na TV Tribuna Band e, posteriormente, fui efetivado como produtor de TV.

Durante esse percurso, concluí minha graduação em Rádio e TV pela UFPE e, na sequência, iniciei uma segunda graduação em Jornalismo no Centro Universitário Joaquim Nabuco, como portador de diploma, concluindo o curso em dois anos e meio. Além de uma pós-graduação em Publicidade, Marketing e Mídias Digitais, na modalidade EAD, pela Uniasselvi, Centro Universitário Leonardo da Vinci.

Figura 7: Conclusão do curso de jornalismo no Centro Universitário Joaquim Nabuco



Fonte: Acervo pessoal

No mercado de trabalho, acumulei experiências diversas na área televisiva, atuando como produtor, diretor de programa, editor e repórter, em diferentes gêneros: policial, educativo, religioso, jornalístico e de entretenimento, além da cobertura de grandes eventos, como o Carnaval do Recife e de Olinda, o Festival de Inverno de Garanhuns, o São João, a Paixão de Cristo e as eleições.

Figura 8: Na produção de João Alberto, na TV Tribuna, conheci muitas personalidades



Fonte: Acervo pessoal

Hoje, considero-me um profissional multifacetado, com uma trajetória ainda em construção. No entanto, com o advento da pandemia de coronavírus, em 2020, vivi uma pequena crise existencial e financeira, que me fez refletir seriamente sobre qual caminho seguir no futuro. Foi nesse contexto que surgiram o interesse e a oportunidade de regressar à área da educação. É sobre essa retomada que trato no capítulo seguinte.

4. REENCONTRO COM A EDUCAÇÃO

Aqui, procuro refletir sobre os fatores que foram fundamentais para o meu retorno ao universo da educação e para a decisão de iniciar uma terceira graduação, desta vez em Licenciatura em Letras, na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Em 2020, a pandemia de Covid-19 teve início no Brasil. Nesse período, os veículos de comunicação enfrentaram uma profunda crise, assim como diversos outros segmentos profissionais. Diante desse contexto de instabilidade financeira e emocional, comecei a refletir sobre minha trajetória e a buscar novas alternativas para o futuro, reconhecendo a necessidade de redirecionar meus caminhos pessoais e profissionais. A situação chegou a um ponto delicado: em determinado momento, recebi bandejas de ovos como forma de pagamento⁸.

Nesse contexto, participei do processo seletivo do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e fui aprovado no curso técnico em Manutenção e Suporte em Informática, com duração de dois anos. Realizei o curso na modalidade Educação a Distância (EAD), o que, de certa forma, comprometeu parte da efetividade da aprendizagem, especialmente em disciplinas de caráter mais prático.

Em 2020, decidi descumprir uma promessa feita dez anos antes e fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) novamente, com o objetivo de ingressar em uma instituição pública de ensino superior. Candidatei-me ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e, para minha surpresa, fui aprovado. Após concluir o curso técnico, iniciei na semana seguinte, as aulas de Letras, buscando novas possibilidades profissionais e aprofundamento no domínio da norma padrão da língua.

A partir desse contexto, abro caminho para um dos maiores desafios da minha vida: retomar a carreira acadêmica em um cenário muito diferente daquele das minhas primeiras graduações. Agora, enfrento essa etapa com novas responsabilidades, sustentando uma casa, conciliando os estudos com o trânsito intenso da Região Metropolitana do Recife e com a jornada de trabalho de um empregado com carteira assinada. As vivências dessa nova fase serão abordadas no capítulo seguinte.

⁸<https://natelinha.uol.com.br/televisao/2021/11/12/afiliada-da-band-atrasa-salarios-e-paga-funcionarios-com-bandejas-de-ovos-172608.php>

5. LAMENTO, FUI APENAS UM ALUNO REGULAR

Neste momento do memorial, trato da minha trajetória no curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, desde o início das aulas remotas até o retorno 100% presencial. Ao longo deste percurso, apresento alguns dos principais desafios enfrentados e os aprendizados que marcaram minha formação acadêmica e pessoal. Foi uma fase de grandes descobertas, que contribuiu para moldar meu perfil docente, somando-se a todas as experiências vividas anteriormente. Também reconheço que gostaria de ter sido um aluno ainda melhor do que pude ser, mas tenho a convicção de que dei o meu melhor.

Iniciar o curso de Letras despertou em mim um misto de sentimentos: reacendeu a chama ligada ao universo da educação e abriu um novo horizonte de possibilidades para o futuro. Além disso, ele representava uma formação que valorizava ainda mais minha atuação como profissional de comunicação. Ao mesmo tempo, surgiu o receio de não conseguir acompanhar o ritmo de uma graduação em uma universidade federal, após tantos anos afastado do ambiente acadêmico.

Retornei à universidade com um perfil completamente diferente: casado, responsável pela manutenção de uma casa e com uma jornada de trabalho de oito horas diárias, uma realidade bem distinta daquela de dez anos antes. O curso teve início, em virtude da pandemia, na modalidade remota. Apesar disso, não deixei de comparecer presencialmente ao trabalho em nenhum momento durante o período da Covid-19.

Com o avanço das flexibilizações, a universidade adotou, em um primeiro momento, o formato híbrido, combinando aulas presenciais e remotas. Foi, então, que comecei a vivenciar a rotina de deslocamento até o campus: três ônibus para ir e três para voltar, quase duas horas de viagem em cada trajeto, após um longo dia de trabalho. Os primeiros dias foram extremamente desgastantes; cheguei a pensar em desistir. O que me fez continuar foi a preocupação com o futuro e o desejo de conquistar uma formação sólida.

Desde o início, senti-me deslocado em sala. A turma era formada, em sua maioria, por alunos mais jovens, com grande entusiasmo pela literatura. Quando perguntado sobre meus motivos para cursar Letras, respondia de forma pragmática

que buscava uma profissão e a possibilidade de aprovação em um concurso público. Essa resposta causava certo espanto nos colegas, e eu acabava sendo visto como o mais “frio” da turma.

Meus colegas despertavam grande orgulho nos professores: liam todos os artigos e livros solicitados, participavam de projetos como o PIBID, monitorias e até publicaram artigos. Eu, por outro lado, contava apenas com as horas dentro dos ônibus — quando conseguia sentar — para estudar. Nunca alcancei o mesmo nível de dedicação que via em muitos deles, e isso me entristecia, pois sempre quis aproveitar ao máximo a graduação, e não apenas buscar uma aprovação mínima. Afinal, não se trata apenas do diploma — a universidade não faz o aluno, é o aluno que se constrói nela.

Figura 9: Períodos iniciais do curso de licenciatura em Letras na UFRPE



Fonte: Acervo pessoal

O corpo docente do curso é composto por professores excelentes no relacionamento interpessoal, que respeitam a pluralidade de ideias e opiniões, mantendo as próprias convicções sem desrespeitar o diferente. Destaco nomes como Iedo Paes, Sherry Almeida, Sandra Melo, Mizael Nascimento e Cláudia Roberta, que, assim como meus professores do ensino médio, levarei comigo como referências de educadores comprometidos com a transformação do aluno. Por isso, concordo com Nóvoa (2022, p. 9) quando diz que “Ninguém se torna professor sem a colaboração

dos professores mais experientes, pois nessa convivência é que adquirimos os gestos e a cultura profissional”.

Um dos grandes desafios — e, em alguns momentos, motivo de frustração — foi o estudo do espanhol. Sempre tive interesse pessoal por esse idioma, antes mesmo de pensar em cursar Letras. No entanto, trata-se de uma formação que não ensina a língua em si, mas ensina o futuro professor a ensiná-la. Acredito que a UFRPE poderia repensar essa dupla habilitação, pois muitos ingressam em Letras–Português e acabam enfrentando grandes dificuldades para alcançar a média mínima em Espanhol.

Aos trancos e barrancos, consegui chegar ao nono período sem desistir. Devo isso a Deus e às pessoas que Ele colocou em meu caminho, como meu amigo Diego Nelson, eterno representante da turma. Nos momentos de maior dificuldade, e foram vários, quando pensei em desistir, Diego foi quem me estendeu a mão. Lembrando que, além dos atrasos causados pela pandemia, a UFRPE ficou dois anos sem receber alunos presencialmente⁹, também ocorreu uma grandiosa greve¹⁰ dos professores durante minha formação.

Durante o curso, vivi inúmeras reflexões que contribuíram para minha formação profissional. Compreendi a importância do estudo da Literatura — não se trata apenas de ler textos antigos, mas de entender que cada período literário reflete um recorte histórico e social. Além disso, esse processo desenvolve a criticidade do aluno, pois, como afirmam Santos e Garcia (2023, p. 101),

(...) a prática da leitura aprimora o vocabulário e dinamiza o raciocínio e a interpretação, cria um sujeito mais crítico; coloca em contato o leitor com outras culturas criando sensibilidade e abertura à diferença; contribui na prevenção de problemas sociais como a xenofobia e o racismo.

Durante as disciplinas de pedagogia e metodologia de ensino, identifiquei-me com a metodologia da sala de aula invertida, que promove maior interatividade e aproveita o conhecimento prévio dos alunos, tornando o aprendizado mais participativo e dinâmico. Nessa proposta, o foco não está centrado no professor nem

⁹<https://jc.uol.com.br/colunas/enem-e-educacao/2022/03/14959425-ufrpe-retoma-aulas-presenciais-interrompidas-ha-dois-anos-por-causa-da-covid-19-nesta-segunda-feira.html>

¹⁰<https://www.estadao.com.br/educacao/relembre-as-mais-longas-greves-de-professores-em-sp>

na simples transmissão de informações, mas nos estudantes, que trazem para a aula o conhecimento adquirido por meio de leituras prévias ou de suas próprias experiências de mundo. O docente, por sua vez, atua como mediador do processo, conduzindo as discussões, esclarecendo dúvidas e auxiliando na resolução de problemas. Trata-se, portanto, de um formato que favorece o dinamismo em sala de aula, através de perguntas norteadoras que orientam a aprendizagem. Como afirmam Bergmann e Sams (2016, p. 32), “o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula”.

Entre as teorias que mais me chamaram atenção durante minha formação e nas aulas de Linguística, destaco a de Chomsky (2005), que propõe que todas as pessoas nascem com uma predisposição inata para a linguagem. Ou seja, todo ser humano possui uma estrutura universal básica, chamada de Gramática Universal, que guia a aquisição da língua materna. É como se o ser humano já viesse com o “*hardware*” e a língua fosse o “*software*”. Uma questão complexa, mas que achei fascinante, pois mostra o aprendizado linguístico com uma base biológica, indo além da mera imitação ou do condicionamento.

Além disso, o contato com os estudos da Sociolinguística desconstruiu vários preconceitos que eu trazia e que são comuns no senso popular sobre o que seria “falar o português corretamente”. Conforme destacam Santos e Aragão (s.d., p. 310), é preciso investigar a língua em uso nos seus contextos sociais e culturais, compreendendo que o ensino da língua materna no Brasil não apenas deve, como pode atender às diferenças culturais, sociais e linguísticas do alunado. As variadas formas de uso da língua presentes na sociedade devem ser reconhecidas e valorizadas como parte do repertório linguístico dos falantes, respeitando os contextos em que se realizam.

Apesar de todas essas vivências e transformações, confesso ter me frustrado em relação ao meu objetivo inicial: aprimorar minha escrita. Acredito que o currículo do curso ainda não valoriza suficientemente o aspecto gramatical, tão cobrado nas redes de ensino e nos concursos públicos.

Gostaria de ter sido um aluno excelente, mas compreendo que dei o melhor de mim nas circunstâncias que enfrentei. Por isso, me considero um aluno regular, mas

com a consciência tranquila de que cada esforço contribuiu para minha formação pessoal e profissional.

As experiências vividas ao longo dessa trajetória foram essenciais para consolidar minha identidade como futuro docente e minha compreensão sobre o papel do professor na sociedade. No capítulo seguinte, apresento minhas vivências nos estágios supervisionados obrigatórios, momento em que me deparei com a vida real da sala de aula e percebi que nem tudo se aprende na teoria ministrada nas aulas da universidade. Muitos aprendizados se constroem na prática, no cotidiano do chão da escola.

6. VIDA REAL: ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

O presente capítulo tem como objetivo relatar as vivências nos quatro estágios supervisionados obrigatórios do curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em Português e Espanhol, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. O primeiro estágio foi em Ecologia Escolar; o segundo, em Regência no Ensino Fundamental; o terceiro, em Regência de Espanhol; e o quarto, em Regência no Ensino Médio. Durante essas experiências, pude lidar com diferentes realidades de ambiente escolar e perfis de alunos, contribuindo para a construção da minha prática docente.

6.1 ESO 1: Ecologia Escolar

Sempre estive envolvido em ações escolares, por isso o ambiente de uma sala de aula nunca foi um mistério para mim. No entanto, havia se passado dez anos desde a última vez que estive em uma escola pública e, diante de tudo o que aprendia nas disciplinas do curso, acreditava que muita coisa poderia ter mudado para melhor. De fato, algumas transformações ocorreram, mas percebi que muitos desafios permanecem — e alguns, inclusive, tornaram-se ainda maiores.

O meu primeiro Estágio Supervisionado Obrigatório Escolar (ESO 1) foi realizado na Escola de Referência em Ensino Médio de Paulista (EREM Paulista), onde fiz o Ensino Fundamental 2 e o Ensino Médio, localizada na Rua Frei Caneca, no bairro Vila Torres Galvão, em Paulista. Atualmente, a escola funciona em dois turnos: das 7h às 14h e das 14h10 às 20h20, atendendo atualmente cerca de 1.023 alunos, em sua maioria adolescentes entre 14 e 15 anos. Mesmo situada em Paulista, a EREM recebe estudantes de diferentes regiões, incluindo bairros de Olinda, Recife e Igarassu. A instituição sempre teve uma boa reputação pela rigidez e pela qualidade do ensino, o que explica a grande procura por vagas.

Durante essa etapa, acompanhei a professora Elisabeth Gonçalves, especialista em Língua Portuguesa e formada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Pernambuco. Ela atua como docente desde 1991, inicialmente no magistério, e, desde 2004, na área de Letras. Em 2006, ingressou na rede estadual e, atualmente, leciona no ensino médio da EREM Paulista, onde realizei o estágio, e também na rede municipal de Olinda.

A professora relatou que consegue se organizar melhor nas aulas da rede estadual devido ao formato da EREM, mas que, no ensino fundamental, o tempo é mais limitado, o que a obriga a levar atividades para casa. Segundo ela, a relação com a gestão e os alunos é boa, embora perceba pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos.

Com a reformulação do ensino médio, Elisabeth comentou que o material didático adotado pela escola não atende totalmente às necessidades do currículo e, por isso, ela criou estratégias próprias para complementar os conteúdos. Desenvolveu um drive compartilhado com os alunos, onde disponibiliza materiais de apoio, e utiliza grupos de Whatsapp para enviar atividades, vídeos e podcasts que ajudam na compreensão dos temas trabalhados em sala.

No processo de avaliação, a professora leva em conta a frequência, a entrega das atividades e as provas mensais. Durante as observações, percebi que ela busca integrar literatura, gramática e produção textual, evitando a fragmentação tradicional do ensino de língua portuguesa. Essa prática se aproxima do que defende Bunzen (2010), ao criticar a separação rígida das aulas em áreas isoladas e propor uma abordagem integrada entre leitura, escrita e análise linguística.

Mesmo com essa proposta, Elisabeth reconhece a dificuldade de manter os alunos engajados. Segundo ela, muitos não demonstram interesse e não buscam tirar dúvidas. Essa percepção foi confirmada quando conversei com uma aluna do segundo ano, de 16 anos, que considerou a EREM uma escola regular, mas avaliou a didática da professora de Português como pouco eficaz. Ela destacou a falta de produções orais e textuais e a ausência de atividades fora da escola, como visitas culturais, o que acaba tornando as aulas menos atrativas.

Nas aulas que observei, percebi uma rotina bem estruturada, porém muito expositiva. Ao entrar na sala, a professora pedia silêncio, fazia a chamada e recolhia as atividades para registrar a presença no sistema digital do governo estadual. Esse momento, no entanto, era bastante barulhento, com alunos conversando, mexendo no celular ou até dormindo. Em geral, ela utilizava slides no data show e o livro didático para abordar conteúdos literários, como o Romantismo e o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente.

Apesar de demonstrar domínio do conteúdo, notei que o tom de voz monótono e o uso do microfone preso ao corpo acabavam tornando a exposição cansativa. Mesmo assim, havia momentos de participação pontual, especialmente dos alunos das primeiras fileiras, embora a dispersão fosse visível nas turmas maiores. Em algumas aulas, a professora liberava o tempo final para que os alunos concluíssem atividades pendentes, mas poucos realmente aproveitavam esse momento para se concentrar.

O ambiente escolar também apresenta desafios: salas cheias, barulhentas e com pouco espaço físico. Ainda assim, Elisabeth se mostrava paciente, serena e comprometida com o ensino, mesmo diante da desmotivação de alguns alunos e da rotina desgastante do cotidiano escolar. Essa experiência me fez refletir sobre o quanto o ensino público ainda enfrenta desafios estruturais e humanos e sobre a importância de estratégias que despertem o interesse e a participação dos estudantes.

6.2 ESO 2: REGÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL 1

Realizei o Estágio Supervisionado Escolar 2 na Escola Esperança do Frágoso, uma instituição particular de pequeno porte localizada em um bairro de baixa renda no município de Paulista. Apesar de não possuir uma grande estrutura física, a escola atende cerca de duzentos alunos, entre três e quinze anos, e conta com um corpo docente formado, em sua maioria, por professores jovens e em início de carreira. Essa realidade, embora desafiadora, é marcada por esforço, dedicação e desejo de fazer a diferença na vida dos estudantes.

Durante o estágio, acompanhei o professor Felipe de França Brito, responsável pelas turmas do 5º ao 8º anos de Língua Portuguesa. Além de sua função como docente, ele trabalha nos fins de semana no transporte alternativo da cidade, o que reflete bem a realidade de muitos professores brasileiros que precisam conciliar diferentes atividades para complementar a renda. Apesar disso, o professor se mostrou criativo e disposto a inovar em sala de aula, buscando propor atividades que valorizassem a oralidade e o protagonismo dos alunos.

As aulas de Português acompanhadas durante o estágio foram as do 6º e 7º anos. Como o estágio ocorreu na virada de 2024 para 2025, continuei com as mesmas

turmas, agora como 7º e 8º anos. Ambas as turmas são bastante barulhentas, com muitas conversas paralelas entre os alunos. Além disso, há três ventiladores grandes que fazem muito barulho ao funcionar, tentando amenizar o calor na sala. Em alguns momentos, o barulho chegava a um cenário quase caótico.

Uma das experiências mais marcantes foi a Semana de Arte e Cultura Esperança, evento em que os alunos pesquisaram artistas da música pernambucana, como Reginaldo Rossi e Cristina Amaral, e apresentaram trabalhos criativos, unindo teatro, dança e recital. Foi inspirador ver o envolvimento das turmas e como eles conseguiram associar o conteúdo estudado à cultura local, fortalecendo o sentimento de pertencimento e valorização das expressões regionais.

Foi com a perspectiva de observar como a oralidade e os gêneros textuais são abordados nas aulas de Português que as observações foram realizadas, e a regência foi preparada.

Durante o estágio, tive a oportunidade de preparar uma aula sobre o gênero textual notícia, com um plano de aula elaborado por mim. A proposta tinha como objetivo trabalhar a leitura, a análise e a produção oral, culminando na criação de um boletim de notícias televisivo. Dividi os alunos em grupos, e cada equipe produziu e apresentou suas próprias notícias. Essa experiência me permitiu acompanhar o processo de aprendizagem de maneira formativa, valorizando o envolvimento e o desenvolvimento dos alunos, e não apenas o resultado final.

Ao escolher o gênero jornalístico, levei em consideração a necessidade de ir além dos gêneros escolares em sala de aula, questão abordada por Schneuwly e Dolz (1999), quando falam da "negação da escola como lugar específico de comunicação". Segundo os autores, os gêneros funcionam nas práticas de linguagem e podem ser trazidos para a escola como se houvesse uma continuidade entre o que é externo e interno ao ambiente escolar, seja na modalidade escrita ou oral.

A vivência na Escola Esperança do Fragoso foi, sem dúvida, desafiadora. Além das limitações estruturais e da ausência de recursos tecnológicos, precisei lidar com o calendário acadêmico apertado, que coincidiu com a transição entre dois anos letivos. Felizmente, contei com a compreensão da professora orientadora Thais Ranieri e da equipe escolar, que me deram total apoio durante o processo.

Apesar dos desafios, fiquei positivamente surpreso com a criatividade e o esforço dos professores e alunos, que, mesmo com poucos recursos, conseguiram desenvolver atividades significativas. No entanto, também percebi o desânimo de alguns docentes, inclusive do professor que acompanhei, algo compreensível diante das dificuldades da profissão. Essa realidade me fez refletir sobre a importância da valorização do trabalho docente e da criação de condições que permitam ao professor exercer sua função com motivação e dignidade.

6.3. ESO 3: REGÊNCIA EM ESPANHOL

De todos os estágios, o mais desafiador foi o ESO 3, em Língua Espanhola e suas literaturas. Consegui encontrar um local que aceitasse estagiários, o que deu muito trabalho, considerando que o espanhol não é mais disciplina obrigatória nas escolas da rede pública e particular e que os cursinhos têm dificuldade em aceitar alunos para estágio.

Felizmente, com a ajuda do meu amigo de classe Diego Nelson, consegui uma oportunidade no curso de idiomas nível avançado (Turma A4) do Senac. Os cursos dessa instituição são famosos pela qualidade e reconhecidos por oferecer um excelente custo-benefício. O estágio ocorreu aos sábados, no período das 9h às 14h.

Fiz observações sob a orientação do professor Klécio. As atividades aconteceram de forma colaborativa, e eu, juntamente com meus colegas Ana Cláudia e Diego Nelson, desenvolvemos as atividades juntos. Destaco a fase de observação, que foi importante para compreender a dinâmica da turma, o perfil dos alunos e as estratégias pedagógicas adotadas. O professor estabelecia, por exemplo, um diálogo aberto e estimulante, incentivando a participação dos estudantes – característica com a qual me identifico.

Sempre foram utilizados recursos multimídia e atividades que integravam leitura, escrita, fala e escuta. Na unidade de ensino, os professores seguem um cronograma institucional detalhado e selecionam materiais entre opções previamente aprovadas, garantindo o uso exclusivo dos exemplares originais pelos alunos, sendo proibidas cópias ou versões digitais que não sejam oficiais. Apesar dessa estrutura, os professores têm liberdade para adaptações criativas, recurso amplamente utilizado pelo professor Klécio.

A experiência no estágio supervisionado em Língua Espanhola proporcionou aprendizados significativos, tanto no âmbito pedagógico quanto no desenvolvimento pessoal como futuro educador. Ao vivenciar a prática docente em uma turma avançada do Senac, pude consolidar a importância do planejamento estruturado, alinhado ao Modelo Pedagógico Senac (MPS), que prioriza o ciclo ação-reflexão-ação como eixo central da aprendizagem. Percebi, na prática, como a mediação ativa e o uso de recursos diversificados – como literatura autêntica e plataformas digitais – potencializam o engajamento dos alunos.

Além disso, a observação das aulas do professor Klécio me mostrou a relevância de equilibrar rigor metodológico com flexibilidade, adaptando estratégias conforme as necessidades da turma. Essas vivências reforçaram minha compreensão de que o ensino de idiomas vai além da gramática: é um processo que integra cultura, comunicação e criticidade.

6.4. ESO 4: REGÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

Na disciplina de Estágio Supervisionado 4, Regência no Ensino Médio, retornei à Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) de Paulista. Mais uma vez, estive sob a orientação da professora Elisabeth Gonçalves, desta vez não apenas como observador na sala de aula, mas como professor, pois teria que ministrar aulas.

Em acordo com a professora Beth, como é carinhosamente chamada pelos alunos, fiquei responsável por lecionar em todas as turmas da segunda série do ensino médio, desenvolvendo uma sequência pedagógica voltada para o ensino da redação, tema de grande importância para os estudantes.

Para as aulas, optei, antes, seguindo a reflexão proposta por Schnewly e Dolz, trazer aos alunos uma contextualização sobre os gêneros textuais, suas características linguísticas e aplicações sociais, exemplificando brevemente alguns deles, apenas para que compreendessem que cada gênero possui propriedades e funções específicas. Essa introdução teve como objetivo apresentar o tema “redação” de forma adequada e promover uma conexão significativa com os estudantes. Após essa comparação inicial, busquei adentrar de maneira mais detalhada nas características linguísticas e sociais do gênero, de modo a favorecer uma aprendizagem mais efetiva.

Quanto mais precisa a definição das dimensões ensináveis de um gênero, mais ela facilitará a apropriação deste como instrumento e possibilitará o desenvolvimento de capacidades de linguagem diversas que a ele estão associadas. O objeto de trabalho sendo, pelo menos em parte, descrito e explicitado, torna-se acessível a todos nas práticas de linguagem de aprendizagem. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 15).

Fiquei surpreso ao perceber que alguns alunos, mesmo estando a apenas um ano dos exames de ingresso na universidade, ainda não haviam escrito uma redação. Cada turma tinha, em média, 45 estudantes, e as opiniões e níveis de conhecimento sobre o tema eram bastante variados. As turmas eram muito barulhentas e, ao final de cada aula, eu saía com a garganta cansada de precisar falar alto, competindo com o som das conversas.

Utilizei uma metodologia expositiva invertida, conduzindo as aulas por meio de perguntas antes de apresentar as definições. Além disso, optei por usar slides produzidos no Canva para ilustrar a parte expositiva e tornar o conteúdo mais atrativo visualmente.

Percebi que, ao compartilhar experiências da escola que um dia também fora minha, despertava a curiosidade e a atenção dos alunos. Muitos aproveitaram o momento para fazer perguntas sobre minha trajetória até o vestibular — oportunidade que utilizei para dividir vivências e aprendizados pessoais.

Figura 10: ESO 4- Regência no Ensino Médio.



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Dar aula naquele ambiente teve um significado especial. Lecionar, quinze anos depois, nas mesmas salas onde estudei trouxe um forte impacto emocional. Em alguns momentos, cheguei a me emocionar ao recordar as vivências do passado. A recepção dos alunos foi bastante positiva e, em algumas turmas, fui até aplaudido ao final da aula.

A boa impressão também foi reforçada pelas professoras Elisabeth e Alcione Rodrigues — diretora da escola e, na época, minha professora de Português —, que faziam questão de destacar, com orgulho, que eu era ex-aluno da instituição. Em uma das aulas, a professora Alcione chegou a brincar com seu jargão: “Essa praga pega!”, referindo-se à paixão pela educação, que acaba contagiando as pessoas mesmo diante dos desafios. Ela costuma dizer, em tom bem-humorado, que lançou essa “praga” em alguns alunos — e que hoje muitos deles também estão em sala de aula.

Com a variação dos perfis das turmas, pude perceber que o domínio do conteúdo não é suficiente: em cada grupo, a aula fluía de um jeito, e estratégias diferentes precisavam ser desenvolvidas. A sensibilidade do professor para promover o conhecimento é de extrema importância em sala de aula, e encerrar uma aula constatando que algo novo foi plantado no aluno é, sem dúvida, gratificante. Certamente, este estágio final foi um impulso fundamental, despertando ainda mais meu desejo de ter meus próprios alunos e construir minha trajetória como educador.

Os aprendizados obtidos nos estágios supervisionados obrigatórios são, sem dúvida, parte fundamental da grade curricular do curso de Licenciatura em Letras. Acredito que eles vão além de preparar o aluno academicamente, permitindo que ele reflita se a educação é realmente o caminho que deseja seguir, ao vivenciar de perto a realidade de estruturas escolares precárias e a desvalorização do professor. Todas essas experiências foram essenciais para as reflexões que apresento no capítulo seguinte, no qual trato dos meus aprendizados e expectativas para o futuro.

7. CONCLUSÃO

Aqui, procuro refletir sobre as vivências que tive no âmbito educacional e sobre o que pretendo incorporar ao meu perfil docente, utilizando tudo o que vivi e aprendi para formar um professor que atue de maneira diferenciada e seja capaz de promover transformações significativas na vida dos alunos. Também destaco como os professores com quem convivi, desde minhas primeiras lembranças, exerceram influência consistente sobre minhas escolhas e postura profissional. Essas experiências, somadas ao período de graduação e aos estágios supervisionados obrigatórios, permitiram-me compreender os desafios e as responsabilidades do exercício docente, assim como a importância de práticas pedagógicas críticas e reflexivas que considerem o contexto social e individual de cada aluno.

Chego ao fim desta formação com a certeza quanto ao que disse Nóvoa (2019): “a formação nunca está pronta e acabada, é um processo que continua ao longo da vida”. O verdadeiro educador jamais encerra seu aprendizado; ele é contínuo e se renova constantemente por meio das formações continuadas e das experiências vivenciadas no dia a dia, no chão da escola. Essa formação teve início muito antes do meu ingresso na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) — começou lá, naquela pequena escola de bairro, a Coração de Jesus.

Conclui minha graduação com a convicção de que a Língua Portuguesa vai muito além da norma culta e com a plena consciência de seu papel vital no desenvolvimento da sociedade. Seja em qualquer variação ou gênero, falada ou escrita, a língua se manifesta de forma viva, sem preconceitos, refletindo os diferentes contextos sociais de seu uso.

Minha vivência de mundo, somada ao aprendizado adquirido durante os estágios supervisionados obrigatórios, confirmou o papel essencial e transformador que o professor exerce na vida dos alunos. Concordo com o pensamento de Paulo Freire (1996) de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Ou seja, é um processo dialógico, de troca, que colabora para a construção crítica dos alunos como agentes ativos na sociedade.

Eu mesmo fui profundamente impactado por professores ao longo da minha trajetória, e isso influenciou diretamente minhas escolhas profissionais. Reconheço também a escola como um espaço de acolhimento, convivência e transformação social.

Assim como quando fui aluno, pude constatar, agora como futuro docente, os inúmeros desafios que aguardam o professor no exercício de sua profissão. Muitas escolas ainda carecem de estrutura mínima, e é perceptível o desânimo de muitos alunos em relação aos estudos. Contudo, acredito firmemente que, se em uma sala com cinquenta estudantes eu conseguir impactar positivamente a vida de ao menos um deles, despertando nele o letramento e a consciência crítica, todo o esforço terá valido a pena.

Suassuna (2014) apresenta algumas das queixas dos alunos de Português sobre o ensino da disciplina. Entre as reclamações, estão as de que as aulas são repetitivas, monótonas e, principalmente, de que há falta de aplicabilidade e funcionalidade de certos conceitos da língua. Como aluno que vivenciou a prática docente, constatei a distância entre teoria e prática e tenho o propósito de eliminar essas barreiras existentes no ensino, buscando promover uma aula com abordagem mais funcionalista.

Para isso, é necessário pensar em estratégias heterogêneas de ensino, respeitando o contexto social de cada ambiente de aprendizagem, e optar por uma avaliação formativa que considere o desenvolvimento global do aluno. Essa avaliação deve estar voltada para a efetiva execução da educação, distanciando-se do modelo tradicional e bancário da avaliação somativa. Com base no que foi exposto, a nota e o desempenho do estudante devem ser definidos dentro de um processo avaliativo mais amplo, indo além da mera pontuação obtida na prova final do semestre.

Em uma perspectiva formativa de avaliação, é papel da escola ensinar, favorecendo, por meio de diferentes estratégias, oportunidades de aprendizagem, e avaliar se tais estratégias estão de fato sendo adequadas. Assim, aluno, professor, escola e família são avaliados (...) e os resultados são repensados globalmente, de modo a envolver toda a comunidade na decisão sobre o que fazer para que a aprendizagem ocorra. Assim, o baixo rendimento do aluno é analisado para que as soluções sejam discutidas: 'mudar as estratégias didáticas?'; 'proporcionar maior tempo para que a aprendizagem ocorra?'; 'possibilitar atendimento individualizado?'; 'garantir a presença do aluno em sala de aula, no caso dos alunos faltosos? (FERREIRA; LEAL, 2010, p. 16-17).

Curiosamente, em determinado momento, cheguei a pensar que, ao ingressar no curso de Letras, estaria mudando de rota profissional. Com o tempo, percebi que estava apenas redefinindo o caminho. O professor, assim como o comunicador, também é um mediador de sentidos: ele não apenas transmite informações, mas dialoga, constrói conhecimento e forma cidadãos críticos e conscientes. Enquanto o jornalista comunica fatos, o professor comunica saberes, e ambos compartilham o poder transformador da palavra.

Além disso, acredito que a soma dos meus conhecimentos e experiências compõe uma bagagem que dialoga com o conceito de educomunicação, abordado por Soares (2000). Com base nessa reflexão, compreendo que a interdiscursividade constitui o eixo estruturante dessa junção entre educação e comunicação, tendo a polifonia discursiva como elemento fundamental. A comunicação, nesse contexto, deve ser entendida como parte integrante do processo educativo e não apenas como uma ferramenta de transmissão de informações. Assim, ela se configura como um espaço dialógico de interação, que favorece práticas educacionais e amplia as possibilidades de aprendizagem.

Minhas experiências no ambiente escolar, minha trajetória profissional, o período em que cursei Letras na universidade e os estágios realizados se combinam para formar meu perfil como professor, conferindo-lhe características autênticas e personalizadas a mim. Tardif (2000) aponta que os saberes profissionais dos professores são plurais e heterogêneos, provenientes de diversas fontes, e se manifestam de maneira eclética e sinclética, com o objetivo de atender a diferentes necessidades e metas pedagógicas. Sobre a origem desses saberes, o estudioso destaca:

Em seu trabalho, um professor se serve de sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior; ele também se apóia em certos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, assim como em certos conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos de sua formação profissional; ele se apoia também naquilo que podemos chamar de conhecimentos curriculares veiculados pelos programas, guias e manuais escolares; ele se baseia em seu próprio saber ligado à experiência de trabalho, na experiência de certos professores e em tradições peculiares ao ofício de professor." (TARDIF, 2000, p. 14)

Encerrando este ciclo, ingresso em 2026 repleto de esperança e de novos horizontes. Sinto-me uma pessoa completamente diferente daquela que iniciou o curso em meio à pandemia: mais consciente, mais sensível e com maior responsabilidade social. Carrego comigo a disposição para continuar aprendendo, um ser conscientemente inacabado como propõe Paulo Freire, e ensinando. E este novo começo ganha um significado ainda mais especial, pois coincide com a chegada do meu primeiro filho ou primeira filha, símbolo maior de renovação e de futuro.

Figura 11: Foto de conclusão de curso com a turma de Licenciatura em Letras na Rua do Bom Jesus



Fonte: Acervo pessoal (2025)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvia Gonçalves de; RIZZINI, Olga Maria Lodi; MENEGON, Rita de Cássia Geraldi. O impacto de um projeto educacional na formação de jovens de ensino médio e na continuidade de estudos desses jovens no ensino superior. *Anais do IX CONEDU – Congresso Nacional de Educação*, 2023. Disponível em: [\[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD1_ID8159_TB3083_20112023151804.pdf\]](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD1_ID8159_TB3083_20112023151804.pdf)(https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD1_ID8159_TB3083_20112023151804.pdf). Acesso em: 18 out. 2025.

AZEVEDO, Margarida. UFRPE retoma aulas presenciais, interrompidas há dois anos por causa da covid-19, nesta segunda-feira. *Jornal do Commercio*, 14 mar. 2022. Disponível em: [\[https://jc.uol.com.br/colunas/enem-e-educacao/2022/03/14959425-ufrpe-retoma-aulas-presenciais-interrompidas-ha-dois-anos-por-cao-da-covid-19-nesta-segunda-feira.html\]](https://jc.uol.com.br/colunas/enem-e-educacao/2022/03/14959425-ufrpe-retoma-aulas-presenciais-interrompidas-ha-dois-anos-por-cao-da-covid-19-nesta-segunda-feira.html)(<https://jc.uol.com.br/colunas/enem-e-educacao/2022/03/14959425-ufrpe-retoma-aulas-presenciais-interrompidas-ha-dois-anos-por-cao-da-covid-19-nesta-segunda-feira.html>). Acesso em: 18 out. 2025.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

BUNZEN, C. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino da produção de texto no ensino médio. In: COSTA, D. S.; CAVALCANTE, L. C. A. G. (Orgs.). *Linguagem e ensino: novos letramentos, outras perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 39–54.

CHOMSKY, Noam. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. Tradução Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: UNESP, 2005.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 149 -185.

FERREIRA, Andréa Tereza Brito; LEAL, Telma Ferraz. A arte faz parte da vida. In: MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia (Orgs.). *Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica*. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11–20.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MIRANDA, Pauline Vielmo; PEREIRA, Ascísio dos Reis; RISSETTI, Gustavo. A influência do ambiente escolar no processo de aprendizagem de escolas técnicas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2., 2016, Santa Cruz do Sul. Anais... Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2016. Disponível em: [\[https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sepedu/article/view/14918\]](https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sepedu/article/view/14918)(<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sepedu/article/view/14918>). Acesso em: 18 out. 2025.

NÓVOA, António. Conhecimento profissional docente e formação de professores. *Espaço Aberto*, [S.l.], v. 41, n. 2, p. 7–18, 2022. Disponível em: [\[https://futuresofeducation.ie.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2023/11/art_conhecimento_profissional_docente.pdf\]](https://futuresofeducation.ie.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2023/11/art_conhecimento_profissional_docente.pdf)([41](https://futuresofeducation.ie.ulisboa.pt/wp-</p></div><div data-bbox=)

content/uploads/2023/11/art_conhecimento_profissional_docente.pdf). Acesso em: 18 out. 2025.

NÓVOA, António. Formação de professores: uma terceira revolução? *Espaço, Sociedade e Educação*, v. 67, p. 1–14, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.24840/esc.vi67.777>. Acesso em: 18 out. 2025.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 1–15, set. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DfM3JL685vPJryp4BSqyPZt/>. Acesso em: 18 out. 2025.

SANTOS, Andreia Leal dos; GARCIA, Rebeca Mendes. Leitura e mediação pedagógica: o papel do professor como mediador da leitura literária. *Frontería*, v. 4, n. 2, p. 99–116, ago.–dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/litcomparada/article/view/4614>. Acesso em: 18 out. 2025.

SANTOS, Ellem Kyara Pessoa dos; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Sociolinguística e ensino de língua portuguesa: reflexões sobre o preconceito linguístico. Universidade Federal da Paraíba, p. 310. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/download/13958/7622/42874>. Acesso em: 14 out. 2025.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*, nº 11, mai.–ago. 1999.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 19, p. 12–24, jan./abr. 2000. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37569[https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37569]. Acesso em: 15 out. 2025.

SUASSUNA, L. (Org.). *Ensino da Língua Portuguesa na educação básica: reflexões sobre o currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 69–94.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, p. 5–24, jan./abr. 2000. Disponível em: https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782000000100002&script=sci_arttext[https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782000000100002&script=sci_arttext]. Acesso em: 18 out. 2025.